



RAZÃO PURA VERSUS METAFÍSICA DA RAZÃO HUMANA

PURE REASON VERSUS METAPHYSICS OF HUMAN REASON

Moises Lopes da Silva¹

e321087

<https://doi.org/10.47820/recima21.v3i2.1087>

RESUMO

A verdade e a ciência têm sido apresentadas, aceitas e vividas no conceito niilista não porque o valor do ser humano seja nulo, mas porque a tal doutrinação o zerou na base cientificista desde o conceito da tábula rasa que fez crer na nulidade inata de um inerte bolo de carne que a partir de seu primeiro choro não parou mais de se lamentar. Enquanto houver vida o ser buscará sentido na morte, pois creu empiricamente não haver esperança que o salvaguardasse. Os artigos de fé apresentados por Hilton Japiassu que fundamentam a ideologia cientificista doutrinam, não apenas o objeto indiferenciado dando-lhe a falsa impressão de sujeito, como também o indivíduo inexistente vygotkiano tirado de sua zona de desenvolvimento proximal para colocá-lo na zona potencial onde existirá apenas como ser social. A ciência se apresenta onisciente e passa a ser o único saber verdadeiro e essa verdade se torna em doutrinação. A ciência se apresenta onipotente e rouba a esperança e a crença em qualquer outra coisa que não seja ela mesma, se torna onipresente e passa a fazer parte de todos os negócios, ações, pensamentos e consciências. O objetivo deste artigo é corroborar com o artigo de Hilton Japiassu (2016) e justifica-se pelo cientificismo e doutrinação que embalam a ciência e a verdade contemporâneas. A pergunta problema a ser respondida é: Os artigos de fé de Japiassu são fundamentos legítimos da verdadeira ciência? Pela própria corroboração a hipótese do autor é que não seja.

PALAVRAS-CHAVE: Razão pura. Metafísica dos costumes. Metafísica da natureza. Cientificismo. Doutrinação

ABSTRACT

The truth and science have been presented, accepted, and lived in the nihilistic concept not because the value of the human being is null, but because such indoctrination zeroed in on the scientific basis from the concept of the blank slate that made us believe in the innate nullity of an inert meat loaf that from its first cry never stopped whining. As long as there is life, the being will seek meaning in death, as he believed empirically that there was no hope that would safeguard him. The articles of faith presented by Hilton Japiassu, which support the scientificist ideology, indoctrinate not only the undifferentiated object giving it the false impression of a subject, but also the non-existent Vygotskian individual taken from its zone of proximal development to place it in the potential zone where there will only exist as a social being. Science presents itself as omniscient and becomes the only true knowledge and this truth becomes indoctrination. Science presents itself omnipotent and steals hope and belief in anything other than itself, becomes omnipresent and becomes part of all businesses, actions, thoughts, and consciences. The purpose of this article is to corroborate the article by Hilton Japiassu (2016) and is justified by the scientism and indoctrination that support contemporary science and truth. The problem question to be answered is: Are Japiassu's Articles of Faith legitimate foundations of true science? By the corroboration itself, the author's hypothesis is that it is not.

KEYWORDS: Pure reason. Metaphysics of morals. Metaphysics of nature. Scientism. Indoctrination

¹ Graduado em Letras e Pedagogia; Pós-graduado em psicopedagogia clínica e institucional; Mestre e doutorando em Educação; Psicanalista; escritor: Emoções Cognoscentes Editora Appris; CAPES - UNINI La Universidad Internacional Iberoamericana



1. INTRODUÇÃO

A razão pura é totalitária em Kant (2007), pois não sobra espaço para metafísica dos costumes que considera a antropofagia dos grupos acostumados a conceitos e maneiras que longe de serem verdades vão desde uma realidade histórica qualquer, considerando diferenças diastráticas (extratos sociais), diafásicas (fases do conhecimento) e diatópicas (regionais) até uma realidade arquetípica com potencial psicótico.

Hilton Japiassu (2016) apresenta os fundamentos de sua crítica em três artigos de fé que sintetizam o problema do cientificismo e doutrinação que a nossa sociedade enfrenta no contemporâneo. Ele trouxe uma reflexão profunda em seu trabalho intitulado A Crise da Razão e a Revanche da Irracionalidade onde apresenta o próprio Pascal, o defensor da razão, advertindo contra um tipo de totalitarismo racional metafísico, onde a ciência e o cientificismo não podem ser dialéticos, mas paradoxais. Não pode haver nada de comum entre eles, pois as bases da ciência é a razão pura kantiana enquanto a base cientificista é uma metafísica de costume qualquer, seja ideológica, conceitual ou paradigmática. Dessa base cientificista, nem mesmo as teorias escapam, por mais que seja corroboradas no meio dito científico e veiculado através de materiais didáticos para formação de conhecimento, elas não possuem provas, fatos ou evidências empíricas, àquela mesma que a ciência tanto exige como seu principal fundamento.

O objetivo é corroborar com o trabalho de Japiassu (2016) respondendo à pergunta problema: Os artigos de fé de Japiassu são fundamentos legítimos da verdadeira ciência? O resultado esperado é validar a hipótese de que estes artigos de fé não se constituem em fundamentos legítimos para a ciência, mas sim para o cientificismo.

2. CRISE SANITÁRIA EVIDENCIANDO POSTURA CIENTIFICISTA

Hilton Japiassu (2016) apresenta os fundamentos de sua crítica em três artigos de fé que sintetizam o problema do cientificismo e doutrinação que a nossa sociedade enfrenta no contemporâneo. A política conduzindo a ciência como apresentam Neves & Ferreira (2020) em questão medicamentosa e ditando a médicos especialistas procedimentos que se adequem àquela doutrinação cientificista de Japiassu (2016) fundamentam postulações deste último:

A atual crise sanitária e pandêmica gerou um conjunto de tensões, tramas e embates de amplitude global e entre diferentes espaços científicos, político-partidário e econômicos. Os medicamentos hidroxiquina e cloroquina ganharam fama e expectativas. O que até então servia para o tratamento apenas da malária, agora tinha “possibilidade de cura” para a Covid-19. Neste artigo, buscamos compreender o debate entre ciência e política gerado através de uma pesquisa com cloroquina (CloroCovid-19), desenvolvida em Manaus, Amazonas. Por meio de uma etnografia tecida em documentos como vídeos, notas, cartas e mensagens veiculadas nas mídias sociais, fizemos a descrição e análise: (a) do que chamamos de ativismo da cloroquina em Manaus e sua ofensiva; (b) da conseqüente reação acadêmica frente aos ataques. Ambos os polos – pró e contra – fizeram esforços na construção de uma verdade, em



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

RAZÃO PURA VERSUS METAFÍSICA DA RAZÃO HUMANA
Moises Lopes da Silva

que a ciência e a política se reticulam constantemente (Neves & Ferreira, 2020, p. resumo).

Com base em um fato histórico importante (Covid-19) que ainda assombra os nossos dias Japiassu (2016) postulou intenção científicista de onisciência, onipresença e onipotência que ele chamou de “três artigos de fé” conforme segue:

Ainda é frequente se apresentar a atividade científica ao grande público como estritamente racional e objetiva. A ideologia científicista vem fundando em três artigos de fé: a) a Ciência é o único saber verdadeiro ou, pelo menos, o mais verdadeiro dentre todos o saberes, porque racional, metódico, fundado nos fatos; b) a Ciência é capaz de resolver todos os nossos problemas teóricos e práticos, desde que colocados corretamente, quer dizer, de modo racional; mas se não conseguir resolvê-los hoje, promete que, com o progresso da ciência, chegaremos lá (não creiam em outra coisa); c) compete aos “Expertocratas” ou “Tecnocientocratas” o cuidado exclusivo de dirigirem os negócios humanos e sociais, posto que somente eles sabem o que é verdadeiro em todos os domínios, claro que lhes cabe dizer o que é bom e justo nesses domínios (Japiassu, 2016, p. 3).

3. O CIENTIFICISMO RECLAMANDO SUA POSIÇÃO DIVINA

Japiassu (2016) apresenta os artigos de fé como uma autodefinição científicista de atributos divinos, a saber: onisciência (o saber verdadeiro), onipotência (capaz de resolver todos os problemas) e onipresença (está em todas as ações e pensamento humano), esta última é o dogma, a ética, o sistema, o politicamente correto e, finalmente o niilismo do indivíduo acabando no niilismo social para estabelecer o totalitarismo da razão das luzes capaz de construir ações dignas de uma Divina Comédia (Alighieri, 1979).

Quando se faz necessário apresentar um fato através de um relato histórico ao invés de simplesmente referenciá-lo, a citação direta equivalerá àquele referido relato e, portanto será longa, mas elucidatório para ao que se propõe neste artigo. Também, toda a contribuição que o autor pudesse dar a um fato histórico relatado apenas reduziria a originalidade deste mesmo relato e, conseqüentemente, sua credibilidade seria afetada. Portanto, peço permissão ao caro leitor para apresentar um fato histórico da Revolução Francesa relatado por Ellen White (2013), conforme segue:

Uma das cerimônias deste tempo de loucuras permanece sem rival pelo absurdo combinado com a impiedade. As portas da convenção foram abertas de par em par a uma banda de música, seguida dos membros da corporação municipal, que entraram em solene procissão, cantando um hino de louvor à liberdade e escoltando, como o objeto de seu futuro culto, uma mulher coberta com um véu, a quem denominavam a deusa da Razão. Levada à tribuna, tirou-se-lhe o véu com grande pompa, e foi colocada à direita do presidente, sendo por todos reconhecida como dançarina de ópera. ... A essa pessoa, como mais apropriada representante da razão a que adoravam, a Convenção Nacional da França prestou homenagem pública. “Essa momice, ímpia e ridícula, entrou em voga; e o 1. instituir a deusa da Razão foi repetido e imitado, por todo o país, nos lugares em que os habitantes desejavam mostrar-se à altura da Revolução.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

RAZÃO PURA VERSUS METAFÍSICA DA RAZÃO HUMANA
Moises Lopes da Silva

— Scott. Disse o orador que apresentou o culto da Razão: “Legisladores! O fanatismo foi substituído pela razão. Seus turvos olhos não poderiam suportar o brilho da luz. Neste dia, imenso público se congregou sob aquelas abóbadas góticas que, pela primeira vez, fizeram ecoar a verdade. Ali, os franceses celebraram o único culto verdadeiro — o da Liberdade, o da Razão. Ali formulamos votos de prosperidade às armas da República. Ali abandonamos ídolos inanimados para seguir a Razão, esta imagem animada, a obra-prima da Natureza.” (História da Revolução Francesa, de Thiers, vol. 2, págs. 370 e 371 citado em White, 2013, pp. 239-240).

Mas o fanatismo cego banuiu de seu solo todo ensinador da virtude, todo campeão da ordem, todo defensor honesto do trono, dizendo aos homens que teriam dado ao país ‘renome e glória’ na Terra: Escolhei o que quereis: a fogueira ou o exílio. “Finalmente a ruína do Estado foi completa; não mais restavam consciências para serem proscritas; não mais religião para arrastar-se à fogueira; não mais patriotismo para ser desterrado (História da Revolução Francesa, de Thiers, vol. 2, págs. 370 e 371 citado em White, 2013, p. 279).

A Revolução Francesa foi prioritariamente uma revolta social contra os três artigos de fé que sintetizam o problema do cientificismo. Os dogmas religiosos provocavam a sociedade com base nos mesmos três artigos de fé científicistas. O desejo incontrolável da sociedade da época era quebrar as correntes que prendiam a consciência com dogmas religiosos impostos por uma metafísica de costume para levá-los à razão pura kantiana, porém, a ciência veio, também, com seus dogmas fundamentados nos de três artigos de fé de Japiassu (2016), onde a ciência seria: o único saber verdadeiro; a única capaz de resolver todos os nossos problemas teóricos e práticos; a única conhecedora da verdade por estar presente em toda a verdade e não o contrário.

O fenômeno científicista doutrinador de Japiassu (2016) apresenta uma metafísica dos costume que Immanuel Kant (2007) já descrevia em seu ensaio como sendo o oposto da razão pura ao concluir que uma coisa era a metafísica da natureza onde as leis físicas, biológica, etc. são imutáveis e, conseqüentemente estão fundamentadas na razão pura e outra coisa é a metafísica dos costumes onde a antropologia conduz a uma razão de costumes em que nem a ciência nem a religião poderiam dogmatizar sem cair no totalitarismo, já que razão pura não haveria.

Mas aqui limito-me a perguntar se a natureza da ciência não exige que se distinga sempre cuidadosamente a parte empírica da parte racional e que se anteponha à Física propriamente dita (empírica) uma Metafísica da Natureza, e a Antropologia prática uma Metafísica dos Costumes, que deveria ser cuidadosamente depurada de todos os elementos empíricos, para se chegar a saber de quanto é capaz em ambos os casos a razão pura e de que fontes ela própria tira o seu ensino a priori (Kant, 2007, p. 15).

4. RESULTADO DAS AÇÕES TOTALITÁRIAS, CIENTIFICISTAS E DOGMÁTICAS

Japiassu (2016) apresenta resultados perigosos desta crise de razão devida à própria existência de uma razão na metafísica dos costumes que embora não seja pura, movimenta recursos cognitivos em espiral ascendente e vai significando-os em assunções considerando, no mínimo, as diferenças diafásicas (fases), diatópicas (regionais) e diastráticas (estrato social). Neste sentido Kant (2007) chamou a atenção para a antropologia que considera costumes e convenções infinitas. A perturbação, acomodação e equilíbrio considerando as diferenças nos costumes e a ascensão no espiral da construção de conhecimentos no mundo da metafísica dos costumes não pode construir nele



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

RAZÃO PURA VERSUS METAFÍSICA DA RAZÃO HUMANA
Moises Lopes da Silva

e/ou neste mesmo mundo uma metafísica da natureza com razão pura e é justamente isto que se traduz como totalitarismo. Por isso, os três artigos de fé de Japiassu (2016) são cientificistas e não podem ser princípios da ciência, pois a ciência não reprova a razão, mas o cientificismo além de reprová-la, provoca e, por isso obtém reações adversas e antagônicas. A reação mais contundente é a dos seres humanos que continuam sendo sujeito de sua própria aprendizagem e crescem poderosamente no espiral ascendente da construção de seu próprio conhecimento.

Japiassu (2016) apresenta alguns resultados da referida provocação que o cientificismo sobre quem protagoniza a sua razão, a saber:

- a perda de confiança na racionalidade como regra e meta de pensamento e ação;
- a revanche do irracional nos comportamentos individuais e coletivos;
- a difusão do fanatismo político e religioso manifestando-se nos mais diversos integrismos e fundamentalismos;
- a transformação dos princípios explicativos num mundo onde perdem sua autoridade as grandes estruturas socializantes que deixam de ser portadoras de esperanças: os projetos históricos não mais mobilizam (Japiassu, 2016, pp.3-4).

Japiassu (2016) não desprezou Pascal ao fazer críticas ao conceito de razão contemporânea, mas o citou, conforme segue: “A última démarche da Razão consiste em reconhecer que há uma infinidade de coisas que a ultrapassam... Há duas extravagâncias: só admitir a Razão e excluí-la (Pascal)” (Japiassu, 2016, p. 4) .

A utopia e a razão, embora sejam reivindicadas como paradoxais pela própria razão, a própria lógica, atributo inerente à razão considera limites, demarcações, áreas, então, a própria razão deveria se enquadrar nos limites observáveis, mensuráveis e circunscritos na regra que a razão queira calcular. É exatamente isso que Japiassu (2016) afirma depois de ventilar o humanismo que como a ave fênix renasceu em meio ao iluminismo dando fim a utopias cientificistas para construir uma vida real considerando a verdade da razão contida no mundo da metafísica dos costumes e ou no jeito humano de ser, pensar e viver; sem que ninguém e nada nesse mundo queira dominá-lo.

Depois do fim das utopias, precisamos do humanismo das Luzes como o melhor solo intelectual e moral para construirmos nossa vida em comum. E para demonstrar que a Razão possui limites, não é onipotente e pode delirar ou enlouquecer. Se não podemos escapar da Razão, compete ao filósofo definir as regras de seu bom uso. Porque os adversários tradicionais das Luzes são o obscurantismo, a autoridade arbitrária, o fanatismo e o integrismo (Japiassu, 2016, p. 4).

A primeira pergunta problema do artigo de Japiassu (2016) foi respondida na história conforme apresentado anteriormente por Hellen White (2013): “Há consequência do abandono dos ideais das Luzes?” (Japiassu, 2016, p. 4) e o próprio Japiassu (2016) corrobora com a história ao postular que: “Os homens sentem muito mais necessidade de buscar segurança e consolo do que liberdade e verdade; pretendem mais defender os membros de seu grupo do que aderir aos valores universais; e aderir a argumentos de autoridade do que à autoridade dos argumentos” (Japiassu, 2016, p. 4). A segunda pergunta: “Existiria apenas uma razão, o que os ocidentais chamam de “a Razão?” traz consigo as causas “O cientificismo, o individualismo, a dessacralização radical, a perda de sentido, o



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

RAZÃO PURA VERSUS METAFÍSICA DA RAZÃO HUMANA
Moises Lopes da Silva

relativismo e o niilismo.” Japiassu, 2016, p. 5) que fornece a base ao paralelismo semântico da terceira pergunta: “Ou poderíamos falar de razões no plural?” (Japiassu, 2016, p. 4). Percebe-se uma clara validação da hipótese de Japiassu (2016) inferida nestas duas últimas perguntas que é a de que pode haver conceitos diferentes de razão.

5. A RAZÃO CIENTIFICISTA E A PSICOSE

A partir deste ponto, pode-se cogitar sobre as várias funcionalidades da razão, tanto quanto as variadas razões que florescem tanto da razão pura quanto da metafísica dos costumes kantiano (2007) sem que se divague em ideologias e realidades arquetípicas junguianas (Penna, 2005) e mantenha o equilíbrio postulado anteriormente por Pascal. Hipoteticamente essas variadas funcionalidades da razão a tirariam do singular daquela razão não compatível com as racionalidades: “O singular da Razão não é incompatível com o plural das racionalidades” (Japiassu, 2016, p. 4).

A realidade arquetípica junguiana (Penna, 2005) traça uma linha tênue entre as “formas de nosso espírito criar estruturas lógicas para aplicá-las ao mundo real e com ele dialogar” (Japiassu, 2016, p. 4) e a pseudologia fantástica e/ou mitomania apresentada num estudo de caso por Uchôa (2015) que muito se aproxima da cisão do eu freudiano (ego) conforme Lima (2010) que se consuma na psicose de Tenório (2016) e, portanto, não “pode ser “particular ao Ocidente” (Japiassu, 2016, p.4), mas “a crença segundo a qual todo objeto só pode ser pensado e resolvido pelo bom uso da Razão” (Japiassu, 2016, p. 4) hipoteticamente, pode ser, também, um tipo de mitomania globalizada do contemporâneo como propõe a literatura machadiana (Assis, 2013) através do personagem Bacamarte do livro O Alienista que de médico e de louco todo totalitarista tem um pouco.

Japiassu (2016) não despreza o totalitarismo e a razão pura na metafísica da natureza, mas no mundo dos homens em que há costumes o totalitarismo desprezaria a realidade arquetípica junguiana inerente na ciência, na ética e na religião e chega a citar a crítica de Agostinho a divindade científicista: “Em suma, consiste no fato de se erigir a Razão em sistema absoluto promovendo um científicismo declarando que a Ciência constituiria o único caminho suscetível de conduzir-nos à Verdade, que fora da Ciência não há salvação” Japiassu (2016, p. 5).

6. A RAZÃO CIENTIFICISTA, OS VALORES, A MORAL, A ÉTICA E A RELIGIOSIDADE

A finalização da história citada em Hellen White: “Finalmente a ruína do Estado foi completa; não mais restavam consciências para serem proscritas; não mais religião para arrastar-se à fogueira; não mais patriotismo para ser desterrado” (História da Revolução Francesa, de Thiers, vol. 2, págs. 370 e 371 conforme citado em White, 2013, p. 279) fundamenta a loucura da dialética totalitária entre o misticismo religioso distanciado da teologia bíblica e a suposta possibilidade da existência da razão pura no mundo dos homens e/ou dos costumes:

O século das Luzes cometeu a loucura de pensar: a Razão, não somente é necessária, mas suficiente, bastando a si mesma. Será que não estaríamos incorrendo numa loucura ainda maior quando, a pretexto de reconhecermos a insuficiência e os limites da Razão, muitos já estão afirmando que ela se torna desnecessária? O processo de autodestruição da Razão é bastante recente:



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

RAZÃO PURA VERSUS METAFÍSICA DA RAZÃO HUMANA
Moises Lopes da Silva

começou quando perdeu seu caráter revolucionário e emancipador que detinha na época das Luzes (Japiassu, 2016, p. 6).

Japiassu (2016) previu uma revanche do totalitarismo cientificista que trouxe o perigo de promover um anarquismo que sempre é liberal e não deixa de formar uma metafísica de costume liberalidade o que é o oposto da liberdade que somente o conhecimento construído através da movimentação de recursos em espiral ascendente piagetiana (Piaget, 1976) podem promover. Esta movimentação, além de se valer de uma metafísica inata de significação ausubiana (Biasotto *et al.*, 2020) para construir seus assunçores, estes se formam com valores e moral fundamentados não apenas em ética, mas em religiosidade desde uma mística fanática até uma coerência teológica existencial. Japiassu postula que mediante essa pluralidade de corpo, mente, ética, moral e espírito se torna improvável qualquer razão pura totalitarista na metafísica dos costumes antropofágicos, mas estes mesmos costumes se fundamentarão nos seguintes valores: “aversão à política; apatia social, pluralismo neoliberal típico das sociedades de consumo (...) Diminui ou atrofia cada vez mais o raciocínio pessoal: a reflexão e a discussão são substituídas pelo consumo de informações que pouco informam” (Japiassu, 2016, p. 6).

O grande problema das redes sociais e mídias contemporâneas é o grande risco de informações tóxicas que evoluíram para algoritmos que fazem movimentar àqueles recursos cognitivos piagetianos em espiral ascendente não mais para construir conhecimento reflexivo afim de formar indivíduos sujeitos de suas próprias aprendizagens, mas intoxicam e fazem com que o ser humano como indivíduo não mais exista (Boff, 2017). Tais seres sociais que tornaram extintas suas individualidades não se doam ao social para socializarem contribuições, mas para contaminá-lo com o niilismo, conforme segue:

O grande risco que correm as novas gerações é o de se tornarem obesas de informação e anoréxicas de conhecimento. No plano do Absoluto, o que representam o atual desencanto com a Razão e a negação de todo fundamento e de toda certeza? A aceitação mesma da “morte de Deus”, de um Deus Fundamento último da estrutura de uma metafísica absoluta da realidade. Razão pela qual torna-se novamente possível se crer em Deus. Claro que quase não existe mais quem reivindique um ateísmo militante. O fim da metafísica e a morte do Deus moral liquidaram as bases filosóficas do ateísmo. O que se busca é uma forma de niilismo positivo afirmando-se pela exaltação dos novos valores da vida (Japiassu, 2016, p.8).

Enfim tem-se a mesma tentativa de anulação da verdade absoluta em Deus ou da própria anulação de sua existência para que uma outra entidade surja do Olimpo onisciente, onipotente e onipresente no mundo dos mortais. O estranho é que essas entidades nunca escolhem confrontar a verdade contida na razão pura da metafísica da natureza, querem dominar a verdade relativa da metafísica dos costumes invadindo a antropologia para impor antropofagias de submissão, tirando do ser humano o seu protagonismo, sua possibilidade de ser sujeito de sua própria aprendizagem e sua consciência.



7. A RAZÃO E O DEUS DA CONTEMPORANEIDADE

Os três objetos de fé podem lançar fundamentos à verdade e/ou razão pura kantiana (2007), mas jamais ao cientificismo e nem a ciência cuja principal prerrogativa é investigar sempre e, nesta constância investigatória, modificar posições anteriores. Estes elementos de fé podem apenas fundamentar o totalitarismo que não pode ser atributo da razão nem em Pascal (1623-1662) e nem nos avanços tecnológicos dos tempos atuais. O avanço da ciência no futuro depende, justamente, da prerrogativa não totalitária e pluralista da razão contida na metafísica dos costumes que se constitui no inacabamento do ser humano (Freire, 2006), para ser mais específico: no inacabamento do inato do indivíduo.

Japiassu (2012) nas suas considerações finais postula que para purificar o conceito que o ser humano tem do próprio Deus é necessário uma crítica racional e/ou bem elaborada dos ídolos que são paradoxais a vida inerente somente em Deus. A impressão que o homem tem de Deus foi inchada com informações tóxicas e formatadas com imposições totalitárias. Nem as informações nem as imposições ofereceram a liberdade de arrazoar como opção, mas apenas a possibilidade de aceitar o que o cientificismo racional contemporâneo impôs, a saber:

O que não deixa de ser importante, não só para se purificar o conceito mesmo de Deus, mas para se elaborar uma crítica dos ídolos. De um modo geral, o Deus do homem atual não é mais o “Deus dos filósofos e dos sábios”. Tampouco um Deus pessoal, mas uma Divindade que se encontra para além de nossas representações e de nossos conceitos. Na prática, confunde-se com uma espécie de Absoluto mistério, energético ou cósmico manifestando-se nas experiências individuais do “conhecimento” místico, esotérico ou oculto e exaltando certo maravilhosismo e certo experimentalismo (Japiassu, 2016, p. 9).

Japiassu (2016) faz paralelismo o tempo todo da ciência e da religião não para desqualificar uma ou a outra ou para exaltar uma em detrimento da outra, mas para fundamentar a verdade na razão pura na metafísica na natureza onde sua autoridade não pode ser construída com dogmas, teorias, paradigmas, costumes, convenções, etc. ao mesmo tempo que expõe a loucura do cientificismo e da religiosidade que querem usurpar a verdade da ciência e da religião. Ele utilizou o princípio da mística que é o de valer-se das grandes verdades (Ciência e Religião) para em cima delas construir as maiores mentiras (cientificismo e dogmas).

Finalmente, Japiassu (2016) mostrou que na metafísica dos costumes só pode haver verdade relativa e embora a razão não seja pura na antropologia, no mundo dos homens, o princípio freiriano da inconclusão do ser e o seu aperfeiçoamento cognitivo e moral o acompanha por toda a vida. A possibilidade de escolhermos ser objeto de doutrinação ou sujeito da própria aprendizagem também está inferido em Japiassu (2016).

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Japiassu (2016) conclui seu trabalho com o “conhece-te a ti mesmo” de Sócrates fazendo um claro apelo para o sujeito/objeto da indiferenciação (Piaget, 1971) manifesto na movimentação de



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

RAZÃO PURA VERSUS METAFÍSICA DA RAZÃO HUMANA
Moises Lopes da Silva

recursos cognitivos (Piaget, 1976) que signifique seu conhecimento em assunções ausubianas (Biasotto *et al.*, 2020) e evolua no espiral ascendente incluindo valor, moral, ética e conhecimento espiritual teológico fundamentado. A ciência desprezaria este último, mas Japiassu (2016) não o fez e eu também não o farei nas minhas conclusões.

Os três artigos de fé transcendem do cientificismo para o dogmatismo, doutrinação, etc. Onde quer que haja intenção e/ou credo totalitário eles estarão lá. O objetivo será sempre desconstruir o sujeito da aprendizagem, que arrazoa, que pensa, que reflete, que movimenta seus recursos cognitivos e os significa para torná-lo objeto paradigmas, credos, dogmas, etc.

Estas ações protagonistas de aprendizagem são possíveis apenas se o indivíduo não abrir mão de sua Zona de Desenvolvimento Proximal (Ivic, 2010) onde o indivíduo existe em todo o seu potencial. A partir do momento que o indivíduo aceita socializar-se em detrimento de sua individualidade e protagonismo passando para a Zona de Desenvolvimento Potencial (Ivic, 2010), se tornando um mero ser social, permitindo que o seu ser como indivíduo não mais exista, começa a sua derrocada. Somente desprezando esta última situação de objeto para fundar-se na primeira situação de sujeito o conhecer-te a ti mesmo, será possível.

9. REFERÊNCIAS

ALIGUIERI, D. (1979). **A Divina Comédia**. Itatiaia: Universidade de São Paulo.

ASSIS, M. (2013). **O alienista** (Ática (ed.)).

BIASOTTO, L. C., Fim, C. F., & Kripka, R. M. L. (2020). A teoria da aprendizagem-significativa de David Paul Ausubel: Uma alternativa didática para a educação matemática. **Brazilian Journal of Development**, 6(10), 83187–83201. <https://doi.org/10.34117/bjdv6n10-668>

BOFF, L. “**O indivíduo não existe. O que existe é a pessoa humana.**” (2017, January 31). <s://www.xapuri.info/home/o-individuo-nao-existe-o-que-existe-e-pessoa-humana/>

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Paz e Terra(2006).

IVIC, I. (2010). **Lev Semionovich Vygotsky** (MEC/UNESCO (ed.)). Massangana. <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me4685.pdf>

JAPIASSU, H. (2016). A crise da razão e a revanche do irracional*. **Desafios: Revista Interdisciplinar Da Universidade Federal Do Tocantins**, 2(2), 03. <https://doi.org/10.20873/uf-t.2359-3652.2016v2n2p3>

KANT, I. (2007). **Fundamentação da Metafísica dos Costumes** (1a ed.). Edições 70, Lda.

LIMA, A. P. de. (2010). O modelo estrutural de Freud e o cérebro: uma proposta de integração entre a psicanálise e a neurofisiologia. **Archives of Clinical Psychiatry** (São Paulo), 37(6), 280–287. <https://doi.org/10.1590/S0101-60832010000600005>

NEVES, A. L. M. das, & Ferreira, B. de O. (2020). Narrativas entre ciência e política no ativismo da cloroquina. **Psicologia & Sociedade**, 32. <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2020v32240338>



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR
ISSN 2675-6218

RAZÃO PURA VERSUS METAFÍSICA DA RAZÃO HUMANA
Moises Lopes da Silva

PENNA, E. M. D. (2005). O paradigma junguiano no contexto da metodologia qualitativa de pesquisa. **Psicologia USP**, 16(3), 71–94. <https://doi.org/10.1590/S0103-65642005000200005>

PIAGET, J. (1971). **A Epistemologia Genética**. Editora Vozes: Tradução: Nathanael C. Caixeiro.

PIAGET, J. (1976). **Equilíbrio das estruturas cognitivas: problema central do desenvolvimento**. Jorge Zahar (Original work published problème central du développement).

TENORIO, F. (2016). Psicose e esquizofrenia: efeitos das mudanças nas classificações psiquiátricas sobre a abordagem clínica e teórica das doenças mentais. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, 23(4), 941–963. <https://doi.org/10.1590/s0104-59702016005000018>

UCHÔA, D. M. (2015). Mitomania como defesa num caso de personalidade histérica. **Arquivos de Neuro-Psiquiatria**, 5(3), 299–309. <https://doi.org/10.1590/S0004-282X1947000300007>

WHITE, E. G. (2013). **O grande conflito**.